



12 • Especial • Brasília, domingo, 22 de outubro de 2023 • CORREIO BRAZILIENSE

Ler para aprender

O processo de alfabetização é pilar para todas as demais disciplinas e gera mais independência para os pequenos estudantes

GABRIELLA BRAZ

Pilar de toda a formação estudantil, a alfabetização foi severamente impactada pelo período de isolamento social e de fechamento das escolas. Os resultados da pesquisa *Alfabetiza Brasil*, apresentados este ano, mostram que, em 2021, 56,4% dos alunos do 2º ano do ensino fundamental não estavam alfabetizados. Em 2019, eram 39,7% de não alfabetizados. Os dados são do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

O recuo nos números, somado aos desafios já existentes em relação à alfabetização na idade certa, estimularam o governo federal a instituir o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada. Lançada em junho deste ano, a política busca subsidiar ações voltadas para essa etapa do ensino.

O levantamento *Alfabetiza Brasil* ouviu 251 professores alfabetizadores de 206 municípios do país. Segundo o estudo, consideram-se alfabetizados os estudantes que “são leitores/escritores iniciantes, que interagem de forma mais autônoma principalmente com textos que circulam na vida cotidiana e no campo artístico literário, em práticas de

leitura e de escrita características do letramento escolar”.

Nessa etapa, ainda são consideradas habilidades de leitura e interpretação de texto mais superficiais e os estudantes escrevem, comumente, com alguns desvios ortográficos. O essencial aqui é entender do que se trata uma mensagem e conseguir se comunicar verbalmente, mesmo que com a omissão de alguns elementos textuais.

Aprender a aprender

“A alfabetização é um processo fundamental para as crianças: elas precisam aprender a ler, e depois a ler para aprender”, afirma Natália Fregonesi, analista de Políticas Educacionais do Todos Pela Educação. De acordo com a especialista, embora esse processo seja o foco do 1º e 2º anos do ensino fundamental, os primeiros estímulos podem começar ainda na educação infantil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê que a alfabetização seja feita até o 2º ano, no entanto, segundo Natália Fregonesi, muitos estudantes acabam por enfrentar dificuldades para desenvolver as habilidades necessárias. “É essencial que as escolas garantam as ações de



Caitano Azevedo/Arara Azul

Incorporção da escrita e da leitura às atividades cotidianas ajuda no processo de alfabetização

“**A alfabetização é um processo fundamental para as crianças: elas precisam aprender a ler e depois a ler para aprender**”

Natália Fregonesi,
analista de Políticas Educacionais
do Todos Pela Educação

recomposição de aprendizagens para as outras séries do ensino fundamental, de forma que todos os estudantes tenham assegurado o seu direito à alfabetização”, destaca.

Na escola Arara Azul, o processo de alfabetização inicia na pré-escola II, com crianças de aproximadamente 5 anos. De acordo com a coordenadora pedagógica da pré-escola, Paula Brum, a equipe trabalha atividades de escrita e leitura que são incorporadas às atividades cotidianas. “Isso torna o

aprendizado mais relevante e significativo, mas sempre respeitando o desenvolvimento individual”, explica.

A coordenadora destaca que uma série de fatores podem interferir no processo de alfabetização, como falta de estímulo, desigualdade socioeconômica, abordagens desatualizadas e condições médicas ou de desenvolvimento que possam afetar as habilidades da criança. “É crucial uma observação criteriosa e individualizada, envolvendo família, educadores e instituição, promovendo apoio contínuo, comunicação efetiva e um ambiente rico em estímulos”, explica.

Independência

Mãe de três meninas, de 5, 8 e 11 anos, a advogada Renata Lopes, 32, tem acompanhado o processo de alfabetização de perto e percebe que essa caminhada pode gerar um sentimento de ansiedade nas crianças. “Elas querem aprender logo para ter mais independência”, relata.

Ela explica que a pandemia impactou sobretudo o processo de alfabetização da filha do

meio, Marina, já que ela passou a maior parte desse período no ensino remoto. No entanto, graças à dedicação dos educadores e ao acompanhamento em casa, Marina e Rebeca, a mais velha, não apresentaram muitas dificuldades de aprendizado. “A mais velha não gosta muito de interpretação de texto, mas eu falo para ela que sem a interpretação, todas as outras disciplinas vão ficando defasadas”, ressalta.

Para a advogada, as atividades lúdicas da escola têm ajudado a fazer com que as crianças se interessem mais pelo aprendizado. “A alfabetização é como um clique para as crianças. Os professores vão dando ferramentas e uma hora elas conseguem juntar tudo”, explica.

Ao ver a empolgação das mais velhas com a leitura e a escrita, Olívia, 5 anos, já conta os meses para chegar lá também. “Ela tem uma brincadeira em que pega todas as letras que sabe, escreve em um papel e pede para eu ler, fica toda orgulhosa quando leio”, conta. “Elas ficam ansiosas para conseguir transmitir uma mensagem e participar desse universo de comunicação.”